

O lúdico no atendimento de crianças com deficiência: uma reflexão da produção cultural na infância^a

Playing in assistance to children with deficiencies: a reflection on cultural production in childhood

El lúdico en la asistencia a niños con deficiencia: una reflexión a cerca de la producción cultural en la niñez

*Marisa Takatori**
*Edda Bomtempo***
*Fernanda de Souza Dalti Pereira****

*Luana Wang Lin*****
*Luciana Orui Bansi******
*Ricardo Lopes Correia******

RESUMO: O artigo propõe discutir as atividades que a criança com deficiência realiza durante o processo de terapia ocupacional vistas como produções singulares de cultura e expressão da subjetividade. Para tal, em uma investigação em que os campos da subjetividade e do simbolismo estão presentes, utilizou-se material da experiência clínica com crianças que têm deficiência, coletado da leitura de prontuários e dos registros das observações vivenciadas pelo terapeuta em um diário de campo. Verificou-se a possibilidade de uma reflexão sobre a consideração cultural das produções das crianças, como favorecedoras do seu reconhecimento e da sua participação ativa na realidade compartilhada.

PALAVRAS-CHAVE: Criança com deficiência. Lúdico - infância. Infância - produção cultural.

ABSTRACT: This article aims to discuss activities done by a boy with deficiencies during the process of occupational therapy, seeing these as singular cultural productions and expression of subjectivity. For doing this, in a research in which the fields of subjectivity and symbolism are present, this article has used material of the clinical experience with children who have deficiencies from the reading of medical registries and observation logs from experiences lived by the therapist in a field diary. We identified the possibility of a reflection on the consideration of the productions of children as cultural artifacts that may enhance children recognition and their active participation in the shared reality.

KEYWORDS: Boy with deficiencies. Playing - childhood. Childhood - cultural production.

RESUMEN: Este artículo intenta discutir las actividades que el niño con deficiencia realiza durante el proceso de terapia ocupacional vistas como producciones singulares de cultura y expresión de subjetividad. Para eso, en una investigación en la que los campos de la subjetividad y del simbolismo están presentes, este artículo ha utilizado material de la experiencia clínica con niños que tienen deficiencia que se obtuvo de la lectura de prontuarios y registros de observaciones vividas por el terapeuta en un diario de campo. Se verificó la posibilidad de una reflexión sobre la consideración cultural de las producciones de los niños como favorecedoras de su reconocimiento y de su participación activa en la realidad compartida.

PALABRAS-LLAVE: Niño con deficiencia. Lúdico - niñez. Niñez - producción cultural.

a. Artigo republicado sob autorização da editoria executiva da Revista Estilos da Clínica, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

* Terapeuta ocupacional da Prefeitura do Município de São Paulo. Doutora e Mestre em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Docente do Curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário São Camilo-SP. Especialista no Método Terapia Ocupacional Dinâmica – CETO/SP. E-mail: mtakatori@uol.com.br

** Livre-Docente pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Docente do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da USP. Pesquisadora na área de jogos, brinquedos e brincadeiras. E-mail: eddabom@usp.br

*** Terapeuta ocupacional do CAPS Álcool e Drogas II - Sapopemba. Especialista em Terapia Ocupacional em Saúde Menal pela UNIFESP. Especializanda no Método Terapia Ocupacional Dinâmica pelo CETO/SP. E-mail: fernanda.dalti@terra.com.br

**** Terapeuta ocupacional. E-mail: luluzinhalin@gmail.com

***** Terapeuta ocupacional da Associação Beneficente "A Mão Branca" de Amparo aos Idosos. E-mail: luobansi@uol.com.br

***** Terapeuta Ocupacional. Supervisor em Redução de Danos do Centro de Atenção Psicossocial em álcool e outras drogas de São Mateus-SP. Especializando em Dependências, Abusos e Compulsões pela Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo. Docente do Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina do ABC. E-mail: toobis@yahoo.com.br

Introdução

As atividades que se evidenciam na experiência clínica na terapia ocupacional nos impelem a pensar no processo do fazer, nos fazeres cotidianos, no fazer nada, no não fazer dos sujeitos atendidos. Ao estar diante das crianças, somos capturados pelas discussões sobre o que fazem, como fazem, quando fazem e com quem fazem as coisas, e o brincar e os brinquedos sempre estão no cenário dessas discussões. Para a criança com deficiência, há o entrelaçamento das condições físicas com os lugares sociais a ela atribuídos e construídos nas relações sociais, o que nos convoca a pensar no desenvolvimento considerando esses aspectos no encontro do sujeito em constituição com o ambiente.

Apresentamos, nesse artigo, uma discussão sobre as atividades que a criança com deficiência realiza durante o processo de terapia ocupacional vistas como produções de cultura e experiências de manifestação da subjetividade. Esse artigo aborda uma das reflexões decorrentes de um Projeto de Iniciação Científica^b, desenvolvido por uma docente e alunos do curso de graduação em terapia ocupacional.

Esse projeto propôs a discussão da importância do brincar com crianças com deficiência física, considerando o desenvolvimento do brincar e a ênfase dessa atividade no cotidiano da criança como objetivos a serem incluídos nos cuidados a ela oferecidos, visando a facilitar sua participação social. O projeto contou com quatro alunos, de diferentes semestres, que decidiram participar por diferentes

motivos, tais como: ter a oportunidade de presenciar e participar dos atendimentos de terapia ocupacional; engajar-se em um trabalho relacionado com a clínica da terapia ocupacional; vivenciar a responsabilidade com relação aos pacientes e aos atendimentos; exercitar a interpretação e a elaboração de textos científicos; apropriar-se de uma linguagem técnica como preparação para a formação profissional; e aprender a trabalhar em grupo.

Cada aluno, com suas habilidades e repertório cultural de atividades, usando o aprendizado do curso de terapia ocupacional e de cursos extracurriculares sobre técnicas de atividades artesanais, brincadeiras e jogos, música, teatro e outros, enriqueceu e participou ativamente das ações na clínica, trazendo conhecimentos, novas ideias e sugestões de atividades, sendo, muitas delas, compartilhadas e propostas aos pacientes. Fazer atividades, aprender atividades, estudar a história das diversas técnicas de atividades, conhecer as atividades do próprio contexto familiar e participar da transmissão transgeracional desse repertório cultural fazem parte da formação do terapeuta ocupacional e ampliam as possibilidades de ações quando na situação clínica.

Para os alunos, articular conhecimentos conquistados ao longo da história pessoal com os que foram apropriados durante a formação profissional e produzir conhecimento, alimentando a história de uma profissão, foram desafios na medida em que as experiências vividas os tocaram e fizeram refletir sobre si, o ser humano e suas atividades. Ao mesmo tempo, essas experiências provocaram neles a

consciência da responsabilidade e dedicação que a profissão exige, pois cuidar do outro não é uma tarefa simples e nem fácil.

Para o professor-terapeuta também se tratou de um desafio: produzir conhecimento e ensinar durante sua atuação como terapeuta ocupacional, tarefas não fáceis e de grande responsabilidade; um desafio marcado pelo reconhecimento e agradecimento que tornaram essas tarefas uma vivência de muito prazer. Como coloca Minayo¹, “é a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo” (p. 17).

Inicialmente, localizamos, teoricamente, de onde partimos para realizar essa discussão e, em seguida, recorremos aos acontecimentos da experiência clínica^c que mobilizaram esta articulação entre produção cultural, atividades constituintes de uma relação terapêutica e o fazer da criança.

Em uma investigação em que os campos da subjetividade e do simbolismo estão presentes, compreender as atividades humanas e seus sentidos só se tornam possíveis por meio de um caminho metodológico que considere tais variáveis. Nesse caminho, as etapas da investigação e o processo da análise colocaram, necessariamente, o pesquisador em uma relação subjetiva com o fenômeno social investigado².

O material originário da experiência clínica, utilizado para essa discussão, foi resgatado dos registros em prontuário das crianças atendidas na terapia ocupacional, que se constituiu em uma das fontes documentais³ para realização dessa pesquisa. Outro recurso foi o

b. Este projeto foi desenvolvido na Clínica Escola do Centro Universitário São Camilo, hoje denominada Promove. É parte integrante da tese de doutorado da docente, intitulado “Vamos brincar? Do ingresso da criança com deficiência física na terapia ocupacional à facilitação da participação social”, apresentada e defendida em março de 2010 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Edda Bomtempo.

c. Enfatizamos que as cenas clínicas aqui evidenciadas são de crianças que faziam terapia ocupacional e autorizaram verbalmente o uso desse material. Acrescentamos que obtivemos o consentimento dos seus pais, documentado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que consta no projeto acima referido, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da instituição-local de pesquisa, reafirmando os cuidados éticos necessários na realização de uma investigação.

diário de campo com registros minuciosos das observações dos atendimentos das crianças, falas, gestos, atividades, materiais utilizados, e, também das impressões sobre as experiências vividas por aqueles que realizaram essa pesquisa.

A partir dos acontecimentos na clínica e dos referenciais teóricos apresentados adiante, propomos tecer e apresentar a discussão sobre uma das questões que mobilizaram o grupo durante a pesquisa: olhar as atividades daquelas crianças, realizadas durante os atendimentos de terapia ocupacional, como produções culturais singulares que fazem parte e são constituintes de um cotidiano.

A criança: seu *locus*, sua produção

Aos pensarmos na criança, nos remetemos à obra clássica de Ariès⁴, *História social da criança e da família* (1973/1978), que traz como tese decifrar os lugares assumidos pela criança e família nas sociedades tradicionais e as mudanças advindas com as sociedades industriais. Na sociedade medieval, a criança era pouco vista e quando passava o período de maior dependência da mãe ou ama, logo era misturada à vida coletiva dos adultos e, sem experimentar um período de passagem, tornava-se a companheira natural do adulto. Nessa convivência precoce em meio à diversidade etária, sua aprendizagem se dava no interior dos acontecimentos cotidianos da sociedade. O sentimento da infância, isto é, a particularidade infantil, que distingue a criança do adulto ou do jovem, não existia naquela época. Já nos séculos XVI e XVII, decorrente de uma moralização da sociedade, mudança relacionada ao fenômeno burguês, houve o reconhecimento da importância da educação, destinada especificamente às crianças e

jovens. A criança passou a ser concebida como alguém que necessitava de um preparo especial antes de se juntar aos adultos. A criança foi retirada do convívio precoce com os adultos para ingressar na escola. Nesse período, um novo sentimento da infância emergiu, denominado por Ariès⁴ (1973/1978) de “paparicação”, em que a criança era vista pela sua graciosidade, ingenuidade e pelo divertimento que causava ao adulto. Mas, ao final do século XVII, um outro sentimento da infância inspirou as preocupações, até hoje presentes, referentes ao desenvolvimento mental e moral da criança. Do século XVIII até o momento, a criança passou a ter um lugar central dentro da família. Mudanças de atitudes com relação às crianças são verificadas no decorrer da história dos homens, marcando diferentes representações de infância a partir dos diferentes discursos e posicionamentos sociais sobre essa etapa da vida.

A concepção de criança que necessita ser preparada para o ingresso na vida adulta por vias disciplinares, há quatro séculos atrás, persiste, modificada pela necessidade de as crianças estarem, segundo o aspecto etário, dentro de um espectro de habilidades e capacidades esperadas. A criança deve estar adequada ao que lhe é esperado conforme sua faixa etária. No processo de desenvolvimento, a ideia de progresso e de evolução levou à sistematização dessa etapa do ciclo vital, determinando uma sequência ordenada de um progressivo aperfeiçoamento de habilidades e aquisições, caracterizando a concepção de criança normal, aquela esperada em termos de aquisições motoras, sensoriais, perceptuais e de habilidades psicossociais segundo cada faixa etária.

Mas essa concepção de desenvolvimento linear é questionável, como observado nas próprias crianças que nos apontam seus diferen-

tes ritmos de desenvolvimento. O discurso da criança como um ser em desenvolvimento, que vive momentos significativos do processo maturacional, pode acabar sendo usado para escamotear a ideia reducionista da criança que não está pronta. Mas o que a sociedade dela espera? A criança não está pronta para o quê?

Nesse sentido, pensamos que a expectativa social acerca da criança a coloca, muitas vezes, em um lugar de pouca autonomia diante de seu próprio momento de desenvolvimento. Desde muito cedo, a criança é convocada a corresponder às expectativas sociais, incluindo aquilo que os profissionais da saúde e as pessoas leigas esperam em termos do seu desenvolvimento orgânico. Apesar das contribuições de Ariès⁴ (1973/1978) para essa leitura histórica acerca da criança e da infância, a ideia de uma progressão e evolução maturacional durante essa fase da vida fica ainda a certa distância de uma análise sócio-histórica do processo de desenvolvimento^{5,6}.

Quando se fala em produção cultural, a inexistência ou insuficiência de análise política e histórica quando o discurso se refere à criança continua a se evidenciar⁶. Frequentemente, permeada por uma atmosfera naturalista, a leitura que se faz da criança e daquilo que acontece em relação a ela a coloca à parte das consequências decorrentes das mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo. É como se a criança fosse um ser em desenvolvimento, no sentido do inacabado e, portanto, não pronto para ser considerado alguém em relação aos acontecimentos da sociedade, isto é, alguém como peça fundamental da engrenagem do modo de produção capitalista.

Poderíamos pensar que não somente a criança encontra-se em desenvolvimento e traz em si um tom de inacabado, mas o ser humano,

que, ao longo de sua jornada, parte da dependência à independência com a marca da incompletude. Essa independência nunca é plenamente alcançada, já que o homem não vive isolado, mas é interdependente de outros em uma sociedade, tal qual nos afirma Winnicott (1963/1983)⁷. Então, por que associar à criança essa ideia do inacabado? Vemos aqui outro sentido daquele usado por Winnicott. O inacabado não como um estado contínuo que move o ser humano para o desenvolvimento e transformações próprias, mas como uma insuficiência que requer um determinado tempo para a correção.

Segundo Perrotti⁶, a concepção de criança que leva em consideração somente a perspectiva etária e do organismo em formação parece determinar a essa criança sempre uma falta a ser ainda completada: “a criança é sempre alguma coisa imperfeita que necessita ser lapidada, educada” (p. 12). Para esse autor, a criança, nesse sentido, pode se aproximar de grupos totalmente marginalizados da vida política e sociocultural, tais quais as pessoas com doença mental, os índios, os analfabetos e, por nossa conta, acrescentamos as pessoas com deficiência. Deparamo-nos, nesse momento da reflexão, com uma importante questão: a criança com deficiência, nessa lógica, é vista como a falta na falta? Por exemplo, a criança que não anda: o não andar é a falta que se encerra na criança, vista como aquela que falta ser completada tal qual um adulto.

A visão reducionista acerca da criança também se verifica em relação às pessoas com deficiência. Nos anos 60 do século passado, o modelo médico se evidenciou ao considerar as questões relativas às pessoas com deficiência, vistas a partir de suas dificuldades, como casos patológicos que requeriam um diagnóstico e um tratamento

centrado sobre o indivíduo, mais especificamente sobre as funções alteradas. Circunscrever a situação da pessoa que tem alguma deficiência à dimensão orgânica leva a não dar atenção às implicações de outras ordens, como a dimensão social que dessa situação decorre. Há uma encruzilhada, onde a doença ou a diferença física se encontra com as normas sociais. Ter uma deficiência é uma situação não somente da ordem do corpo e de suas funções, mas uma situação social⁸.

As crianças com deficiência, em especial as de ordem física, se encontram no grupo de pessoas estigmatizadas que têm características distintas imediatamente evidentes, colocando-as na condição do desacreditado⁹. A aparência física diferente, os movimentos do corpo não usuais, a comunicação verbal expressa por sons incompreensíveis são exemplos de características de algumas pessoas que podem, facilmente, até por sua visibilidade, desviar ou absorver toda a atenção do outro para aquilo que é o não esperado e explicitamente diferente, não restando olhar para outros atributos que elas possam ter. Às vezes, não raras, os atributos relativos ao estigma parecem se manifestar em outras características que nem são da pessoa.

Se há uma dificuldade para olhar a pessoa com deficiência a partir do que ela é, associada ao fato dessa pessoa “ainda” ser uma criança, pensamos como pode ser considerado aquilo que elas fazem? Quando se fala em cultura, a criança continua no lugar daquela pessoa que não está pronta. Mas, contraditoriamente, vemos que, se de um lado, não está pronta para produzir, de outro, é considerada socialmente pronta para receber uma cultura que vem de fora, de experiências das quais não participa, muitas vezes, sem abertura para aquilo que possa ser próprio.

“Assim, enquanto faixa etária ‘incompleta’, a criança deve ser a consumidora passiva de produtos culturais elaborados para ela pelo grupo social, a fim de que possa tornar-se um ser humano evoluído, ‘completo’, vale dizer, adulto” (p. 16)⁶.

A criança consome produtos culturais, e a cultura fica reduzida aos produtos e objetos que podem ser mercantilizados. Perrotti⁶ aponta que a cultura torna-se objeto opaco e sem vida, pois não se conecta àquele que produz, mas ao tipo de sistema de produção. A cultura, tomada como produtos acabados a serem transmitidos para as crianças, inverte a lógica: as coisas passam a ter um movimento quase vital, e as pessoas são vistas como coisas. Toda cultura realiza produtos. A questão problemática é o deslocamento dos produtos do lugar de objetos da ação humana para o dos sujeitos do processo histórico.

Estamos diante de uma atualidade na qual o tempo encontra-se a serviço do consumo de produtos que foram produzidos, sem levar em conta o tempo de quem os produziu, mas a consideração da máxima produtividade que o mercado mundial exige das sociedades capitalistas. O tempo não está mais relacionado às experiências humanas vividas. E a criança ingressa, gradualmente, desde seu nascimento, nessa realidade externa, muitas vezes somente respondendo às exigências externas, isto é, desabrigada da própria experiência.

A análise das produções textuais do pensador Walter Benjamin¹⁰, Galzerani¹¹ aponta para os questionamentos desse crítico acerca da sociedade moderna capitalista fundada no consumo e voltada para a dimensão do ter e não do ser. Uma sociedade pautada pelo que seus membros têm e não no que são e podem, a partir daí fazer pelo grupo, corre um grande risco

de ter a saúde da sua coletividade esgarçada. Como diz Winnicott¹² (1967/1996) a saúde social depende da saúde dos indivíduos que a compõem; saúde é “[...] alcançar uma certa identificação com a sociedade sem perder muito de seus impulsos individuais ou pessoais” (p. 21). O autor enfatiza, em sua obra, a constituição do humano por uma longa jornada durante a qual tempo e espaço são marcadores de um processo de constituição de uma forma de ser que leva a uma forma de fazer. Estamos falando da possibilidade do ser humano ser e fazer e não da dimensão do ter ou não ter.

Fazer remete à ação, ao movimento humano de criação daquilo que, muitas vezes, já existia, mas ao ser feito de novo, assume um aspecto diferente pela singularidade de quem fez. Arendt (1958/2005)¹³, ao falar da ação humana, enfatiza a diferença entre os homens, condição básica da própria ação. Se não houver diferenças, a ação perde sua razão de existência e importância para comunicar ao outro quem é aquele que agiu.

Compreender a cultura como produções distantes e distanciadas de quem as produziram é prescindir das atividades humanas. A “[...] concepção redutora da cultura que vê nas obras o elemento último e indispensável do processo cultural; que concebe o objeto separado do sujeito [...]” (p. 17)⁶ denuncia a não consideração do homem como autor e produtor da própria cultura e a existência de uma cultura dominante, dada e única.

Nesse cenário, a criança com deficiência, duplamente, corre o risco de não ser reconhecida pelo que faz, uma vez que seu fazer está associado ao estranho, ao anormal, ao diferente, à ausência. A criança com deficiência, continuamente, nos coloca diante do desafio de exercitar nosso olhar para além daquilo que nos é socialmente da-

do como familiar e encontrar, nas diferenças, a singularidade de cada sujeito. Como diz Arendt¹³, os seres humanos são diferentes, mas iguais o suficiente para poderem compreender uns aos outros. Mas é preciso saber se há abertura para essa compreensão e reconhecimento das diferenças expressas nas ações e produções.

Na terapia ocupacional, nos referimos a essas ações e produções como atividades, instrumento dos procedimentos do terapeuta. As atividades são consideradas a materialidade colocada em processo de transformação pelo sujeito: as tintas que são derramadas sobre o papel, o brinquedo que é manipulado, tornando-se vivo pelos movimentos que lhe são emprestados, o ar que se move ao ser soprado, os fios colados sobre o papel que se transformam em nuvens, o espaço que se modifica por um corpo que se move, entre outros exemplos. Isso implica que, ao falarmos de atividades, necessariamente, estamos nos referindo ao sujeito que se posiciona de modo singular diante do que a realidade compartilhada lhe oferece em termos de material, espaço e tempo, com os quais se relaciona e utiliza a seu modo.

Fazer atividades é fazer parte da produção cultural de um grupo social. Tomamos, neste trabalho, a cultura em seu sentido de pluralidade, como explica Certeau¹⁴, compreendendo as atividades como expressão e construção dessa cultura no cotidiano, que se mantém organizado socialmente, mas não de modo monolítico, ao contrário, permitindo que a criatividade dos membros do grupo social possa proliferar e expressar práticas singulares de sujeitos reconhecidos pelos sistemas de referências sociais vigentes.

Conforme Certeau¹⁴, o homem comum, por meio das *artes de fazer*, se apropria do que lhe é apresen-

tado pela cultura já presente, anterior à sua existência como sujeito, porém essas pessoas comuns, no seu dia a dia, fazem as coisas com uma criatividade que dribla uma denominada cultura que se propõe única e dá origens às formas próprias de fazer. Esse autor nos faz ficarmos atentos não aos produtos culturais oferecidos em uma determinada sociedade, mas aos gestos de seus usuários que operam sobre aquilo já dado. O gesto, para esse autor, é um ato produtor que leva às criações anônimas, diferentes maneiras de fazer que compõem a cultura na vida comum e cotidiana.

Diante das várias circunstâncias experimentadas no cotidiano, a brincadeira é uma delas na qual a criança interage com um cenário e ajuda a construí-lo com sua participação ativa. É uma atividade que se destaca na infância com seu papel facilitador do processo de socialização ao permitir à criança a apropriação e o exercício dos códigos culturais e sociais. Consideramos essa apropriação como um processo no qual a criança assume uma postura ativa diante das coisas que lhe são apresentadas, conhecendo, explorando e criando a partir do já existe. O mesmo refere Bomtempo¹⁵, ao dizer que o brinquedo é um pedaço de cultura colocado ao alcance da criança, um parceiro na brincadeira. O brinquedo sendo esse parceiro, não se trata de um objeto que impõe a cultura, mas um objeto que está a serviço do movimento que leva a criança à ação e à criação de sentidos nessa experiência cultural.

Brincadeiras e outras atividades são colocadas nessa discussão como formas de comunicação do sujeito, no sentido da apresentação de si e aproximação com o outro. Tal qual nos diz Winnicott¹⁶, primeiro ser para depois vir o fazer; tomamos essa forma de compreender o ser humano em seu desenvolvimen-

to para fazer uso das atividades na clínica da terapia ocupacional: as atividades são partes constituintes da relação terapêutica e são instrumentos dos procedimentos do terapeuta ocupacional. Procedimentos que visam conhecer o sujeito, alvo dos cuidados, aproximar-se dele e provocá-lo em seu fazer, no sentido do ensinamento, da proposição de desafios, da apresentação de diferentes materiais e ferramentas para fazer coisas, da adaptação do espaço, materiais, instrumentos e técnicas de atividades para que o fazer possa acontecer, do estar presente enquanto ele faz, de ser testemunha de suas possibilidades no fazer a partir de sua singularidade. Aqui nos referimos ao fazer como gesto criativo, portanto, aquele que é genuíno por vincular-se à existência de um sujeito.

“Compreender o ser humano como ser criativo é compreendê-lo como ser que acontece por meio do gesto e que acontece em meio à liberdade [...]” (p. 59)¹⁵. Essa criatividade não é, necessariamente, aquela relacionada com o fazer artístico, mas à ação como possibilidade do acontecer e da singularidade de si mesmo.

Fábrica de brinquedos e outras atividades: do lúdico na clínica com a criança à reflexão da sua produção cultural

Quando falamos da clínica com a criança nos referimos à experiência na terapia ocupacional com crianças que tem deficiência física associada ou não às dificuldades cognitivas. Nesse trabalho, consideramos os atendimentos de três crianças que fizeram terapia ocupacional: Hot Park, 8 anos, Isabela,

4 anos, e XLR-8^d, 6 anos. Essas e outras crianças, além de adolescentes, adultos e idosos, constituem a população atendida na instituição onde a pesquisa foi realizada. Trata-se de uma instituição de caráter filantrópico, que tem uma proposta de serviço ambulatorial em reabilitação, oferecendo atendimentos nas áreas de terapia ocupacional, fonoaudiologia, psicologia, fisioterapia, enfermagem, farmácia, nutrição e médica.

Não pretendemos falar do processo terapêutico dessas crianças, mas utilizar algumas de suas cenas e relatos de experiências subjetivas que possam subsidiar a presente discussão: pensar em cultura, produção cultural e na criança, num contexto onde a razão para essas crianças estarem nele é, num primeiro momento, a dificuldade para fazer coisas no dia a dia e a expectativa, especialmente familiar, de melhoras no desenvolvimento das habilidades físicas.

Cenas: ‘Fábrica de Brinquedos’

Em uma das supervisões, conversávamos sobre materiais recicláveis. Este assunto foi levantado, pois uma das alunas levou um pequeno helicóptero que havia feito com sucatas. Decidimos, então, realizar um encontro para criar e fabricar brinquedos com as crianças. Estabelecemos um cronograma para organizar o encontro e dividimos tarefas: quais brinquedos cada um de nós faria para que fossem apresentados às crianças. Nomeamos o encontro de Fábrica de Brinquedos. Essa ideia surgiu também por uma necessidade de reunir e apresentar as crianças atendidas e observar, durante a proposta, como se daria o entrosamento, compartilhamento social e

expressão da subjetividade de cada um no contexto do grupo. Em um primeiro momento, pensamos em fazer a Fábrica de Brinquedos com as crianças atendidas e então propor uma brincadeira de roda para que Isabela também pudesse participar, porém após conversas, concluímos que Isabela estava em um momento do desenvolvimento diferente dos meninos e isso poderia trazer algumas dificuldades na compreensão das solicitações durante o ensino das atividades propostas. Foi decidido que apenas XLR-8 e Hot Park participariam. Os alunos e a terapeuta selecionaram algumas brincadeiras, criações e outras situações que estabelecessem uma aproximação entre Hot Park e XLR-8.

Dias antes da proposta apresentamos Hot Park e XLR-8, que se cumprimentaram timidamente, porém no dia da Fábrica de Brinquedos, antes de entrarem na sala, já estavam conversando e mostrando-se ansiosos para o início. As mães foram avisadas com antecedência sobre o atendimento em conjunto que aconteceria e permitiram que assim fosse feito.

Unimos os horários dos atendimentos dos meninos. Montamos na sala uma exposição com os brinquedos, feitos por nós, para que eles pudessem olhar, experimentar, brincar e escolher um para fabricar. Antes que as duas crianças entrassem na sala, separamos e organizamos todos os materiais necessários sobre a mesa e dividimos a sala em ambientes: um ambiente para a exposição, outro para a criação e outro para a pintura.

Conversamos com Hot Park e XLR-8 sobre museus e o que eles sabiam sobre estes. Falaram o que sabiam e se mostraram eufóricos

d. Os nomes das crianças foram mantidos ou mudados conforme solicitação das famílias e crianças. Hot Park foi escolhido pela criança que explicou ser o nome de um parque aquático. O nome da Isabela foi mantido a pedido dos pais desde o primeiro encontro quando foi explicada sua participação no projeto. XLR-8 foi o nome escolhido por Guilherme para fazer referência à sua pessoa. Explicou que é o nome de um dos super-heróis alienígenas do desenho animado “Ben 10”. Ele e sua mãe pediram que fosse também referido o nome verdadeiro.

para entrar e começar as atividades. Na sala, os dois olharam os brinquedos um a um: o barco a vela feito de retalho de tecido, rolinha e embalagem de margarina; o vai e vem feito de garrafa pet; o bilboquê feito também de garrafa pet, barbante e bola de meia; o helicóptero com hélice que gira, confeccionado com garrafa pet pequena, palito de sorvete, palito de dente e lápis; a tartaruga com rodas feita de garrafa pet, lápis e embalagem de iogurte; o telefone de lata e barbante e o peão feito de vareta de bambu, jornal e adornado com tinta e purpurina. Hot Park e XLR-8 experimentaram e brincaram com todos os brinquedos, alguns deles com nosso auxílio explicando como funcionava e também brincando, até decidirem qual brinquedo gostariam de fabricar. Os dois escolheram o peão. Os alunos orientaram Hot Park e XLR-8 na fabricação. Cada qual fez e pintou o seu peão à sua maneira. Mostraram prazer em manipular e ver o produto final de suas obras.

Para terminar o encontro, assistimos a um filme que se passou numa televisão feita de caixa de sapato, confeccionada por um dos alunos. O filme era sobre uma história cujos personagens éramos nós: crianças, terapeuta ocupacional e alunos. A história foi se passando através de uma extensa tira de papel enrolada em varetas de bambu dentro da caixa de sapato que serviu de estrutura para imitar uma televisão. A sessão de filme foi acompanhada por pipocas feitas com o auxílio de Hot Park e XLR-8, na cozinha ao lado da sala de atendimento, e de refrigerantes.

Ao denominar as atividades como Fábrica de Brinquedos, não tínhamos a intenção de nos referir ou remeter à noção de fábrica tal qual surgiu nas sociedades pós-Revolução Industrial, com a racionalidade imperando o sistema de produção e a negação da possibili-

dade de haver nesse espaço uma produção singular. Ao contrário, a experiência vivida caracterizada pelo sujeito que faz atividades, portanto, humanas, foi a proposta lançada às crianças, reafirmada não só pelo processo observado do fazer de Hot Park e XLR-8, mas nas palavras tais quais apareceram quando XLR-8 respondeu sobre o que viria a ser uma fábrica de brinquedos: “*É pra brincar*”. Além de brincar, perguntamos o que mais iríamos fazer, uma vez que a proposta chamava-se *fábrica*. XLR-8 logo acrescentou: “*Construir*”.

Fazer coisas implica em diversos acontecimentos, que resultam em produtos palpáveis ou não, e exige do sujeito que faz um conjunto de investimentos da ordem do corpo, da mente e da psique, geralmente, em um contexto onde a existência de outras pessoas torna a experiência particular, pois requer que esses investimentos aconteçam na presença de um outro. Portanto, fazer coisas não é simples. Quando o fazer implica em produção do sujeito como uma criação original, mantendo a riqueza de uma comunicação pessoal, podemos compreender essa produção como experiência saudável e potencialmente transformadora. Pareceu-nos que XLR-8 e Hot Park viveram essa ordem de experiência. Ver as coisas que fizeram como produções e alimentos de uma cultura, requer uma postura de quem presencia esse fazer, no caso nós adultos, de cuidado para ensinar e compartilhar a experiência, e não esperar ou impor aquilo que está em nós e não nas crianças.

Quando lembramos dos comentários da mãe do XLR-8 sobre as expectativas do filho diante da proposta da Fábrica de Brinquedos e das histórias que XLR-8 contou sobre o que fizemos nesse dia, nos remetemos à figura do narrador apresentado por Walter Benjamin⁹. O narrador é aquele que, vinculado

à tradição oral, usa a própria experiência ou a de outro para contar, isto é, narrar e partilhar essa história vivida com o ouvinte. Narrar é uma forma artesanal de comunicar-se, pois os vestígios do narrador ficam impressos na sua narrativa, tal qual a mão do oleiro na argila do vaso.

Cenas: ‘Jogando Combate’

XLR-8 parecia sempre ter pressa e a pressa era expressa na sua narrativa. Outro dia, assim que avistou sua mãe na sala de espera, ao final do atendimento, contou sobre o que jogou, dizendo das bombas, da bandeira a ser protegida do adversário, de quem derrotou quem. Sua mãe mal conseguia falar conosco sobre uma dúvida acerca da terapia. XLR-8 saiu da clínica contando ainda sobre o jogo. Afóra a pressa que é expressa, muitas vezes, no seu fazer, podemos pensar em: o que é expresso? A matéria-prima da narrativa é a experiência vivida, portanto, ao narrar comunicamos e intercambiamos experiências. XLR-8 contou a sua mãe, avidamente e com entusiasmo, aquilo que ele viveu sem pressa. A pressa não foi observada ao montar o tabuleiro ou realizar as jogadas. Esse jogo requer um tempo longo e XLR-8 ingressou nesse ritmo. Concentrado, atento e interessado, XLR-8 jogou Combate aprendendo as regras e respeitando-as na medida em que seu momento do desenvolvimento lhe permitia.

A narrativa é a possibilidade de permanência, para além do tempo e espaço, da experiência vivida sob outras formas, através da memória, da oralidade e do encontro com o outro, ouvinte e testemunho da produção cultural no cotidiano de quem narra.

Cenas: ‘Eu brinco desse jeito’

Isabela diante do brinquedo de construção (Pequeno Engenheiro) olhava enquanto a terapeuta

ocupacional montava uma pequena cidade com casas térreas, sobrados, ponte e igrejas. Mas Isabela quis pegar as peças, uma a uma, e dar para a terapeuta segurar e depois tomá-las de volta. A brincadeira se repetiu, diversas vezes, acompanhada de gritos e gargalhadas. Isabela não quis montar uma cidade, afinal, o que eram casas térreas e sobrados? Para ela, naquele momento, isso não fazia sentido e não provocou interesse. Seu jogo era outro e pôde mostrá-lo à terapeuta.

Como diz Arendt¹³, “desprovida de um nome, de um ‘quem’ a ela associado, a ação perde todo sentido, ao passo que a obra de arte conserva sua relevância, quer saibamos ou não o nome do autor” (p. 193). Em vários momentos dos atendimentos esse jogo apareceu; os gritos e as gargalhadas também. Não estamos falando de uma obra de arte que também constitui o acervo de uma cultura nem de uma brincadeira tradicional, que já tem seu lugar na história da humanidade como a amarelinha, mas nos referimos a uma forma de brincar, uma das maneiras do fazer de Isabela. E é assim que essa criança preencheu, com seu fazer, o espaço e o tempo correspondentes aos nossos encontros semanais.

Assim brincou Isabela e de outros jeitos brincaram Hot Park e XRL-8.

Cenas: ‘Eu faço, quero ser o ator’

Hot Park é habilidoso, tem boa pontaria e somente com uma mão encestava várias bolas. Num longo corredor ao ar livre, brincamos de arremessar bola, variando formas do arremesso e regras para catar a bola, como, por exemplo, pegar a bola no ar ou deixá-la bater uma vez no chão. Hot Park jogava com a mão esquerda, quase sem uso da mão direita que tem alterações no movimento e na sensibilidade. Hot Park mostrou ter direção ao jogar a

bola, boa pegada, ótima coordenação e arremesso. Jogou de modo diferente da maioria? Diferente, mas eficiente para si, pois comunicou-se com o outro, e suficiente para poder brincar, agir e fazer naquele contexto.

Como diz Bomtempo¹⁸ “para usufruir das riquezas proporcionadas pelo jogo é indispensável que a criança seja dona da brincadeira [...]” (p. 141) tal qual pensamos quando Hot Park colocou o papelão, que sobrou após recortar uma placa para sua atividade, na frente de seu rosto, segurando-o com as mãos, como se fosse a tela de televisão e ele, no centro, o ator. Ator de seu gesto, espontâneo e brincalhão.

Rolnik¹⁹ aponta para a articulação entre a cultura e a subjetividade, indicando uma compreensão da cultura como um modo de apropriação das coisas do mundo sob o crivo das transformações pessoais: “não há subjetividade sem uma cartografia cultural que lhe sirva de guia; e, reciprocamente, não há cultura sem um certo modo de subjetivação [...]” (p. 29).

No entanto, observamos um movimento em que “[...] a criança passa a ser somente o depositário de um mundo criado pelo adulto, sem ter jamais reconhecidos os seus direitos de intervir ativamente no processo sociocultural que lhe diz respeito” (p. 16)⁶. Pensamos que um caminho para que isso não se verifique, no âmbito da nossa prática com as crianças, é estar atento a esse movimento social e refletir sobre formas de favorecer a visibilidade da criança nos contextos socioculturais como, por exemplo, o espaço de um serviço, uma clínica de reabilitação, voltado à saúde da população. As produções culturais não estão confinadas em museus e nem se restringem ao que, tradicionalmente, já tem seu lugar estabelecido numa cultura. Falamos de uma cultura que é transformada ao

serem acrescidas a ela novas produções e formas de produzir coisas, que vão surgindo nos fazeres cotidianos das pessoas, responsáveis pela cultura.

Algumas considerações finais e uma pausa

Consideramos que a ação que cria o mundo e dá origem ao gesto criativo, presente no acontecimento do bebê que cria o seio materno a partir da sua necessidade e ação porque o outro estava lá no momento do inaugurar do gesto, permeia, na saúde, as atividades cotidianas de um sujeito. A ação e o gesto favorecem o acontecer de si-mesmo no mundo; quando essa ação encontra um outro devotado, se humaniza e se transforma em gesto²⁰.

Nossa ação, como terapeuta ocupacional, é intervir, a partir dos recursos que o sujeito tem e do desenvolvimento de outros, no sentido de favorecer sua participação nos contextos sociais e estabelecer formas de comunicar-se com os outros. É ajudá-lo a reconhecer-se e ser reconhecido pelos seus gestos.

Compreendemos que as propostas de experiências de atividades na terapia ocupacional favorecem o que singulariza essa criança em devir, tal qual nos aponta Safra¹⁷. Se brincar é fazer e ao fazer produzimos objetos, imagens, palavras, música, dança, movimento corporal, sons, desenhos, conhecimento, então brincar é manter, produzir, criar e ingressar na cultura.

Voltamos ao desafio: ver e mostrar a produção de cada criança quando, muitas vezes, ela não é vista, por ser criança e por ter uma deficiência. É um desafio para todos, profissionais, estudantes, mães, pais, irmãos, amigos ou para aquele que vê a criança com deficiência num ponto de ônibus. O não fazer e o não fazer como as

outras crianças, são mais evidentes aos nossos olhos e chocam nossos desejos e expectativas.

Na clínica presenciamos, muitas vezes, que o não ser visto provoca no sujeito um intenso sofrimento e um vazio que pode ser sentido como o si-mesmo, muitas vezes, expresso quando, continuamente, o paciente nos diz que não sabe fazer ou o que faz é feio. Na situação extrema, o próprio sujeito não se vê. Favorecer que a criança experimente suas possibilidades e se veja nas atividades, são nossos propósitos. Um contínuo exercício de conhecer o outro, a criança, nos é exigido a cada encontro do processo terapêutico. Quando vemos cada criança e seu fazer vivemos uma experiência de encantamento e alegria que nos mobiliza nessa aposta de favorecer a criação singular de cada uma nas atividades.

Colocamos aqui algumas considerações acerca dessa discussão inicial e, portanto, não pretendemos apresentar conclusões, mas colocar nossas discussões em trânsito. Como diz Minayo¹, “certamente o ciclo nunca se fecha pois toda pesquisa produz conhecimentos afirmativos

e provoca mais questões para aprofundamento posterior” (p. 27).

Nesse momento uma questão se evidencia: se na terapia ocupacional, que não foi diretamente aqui discutida, mas *usada* para falar da criança, da criança com deficiência e da cultura, nos referimos ao cotidiano, espaço e tempo onde as atividades daqueles que procuram ou são encaminhados à terapia ocupacional acontecem ou, na maior parte das vezes, deixou de acontecer, pensamos: aquilo que o sujeito faz na terapia, durante os atendimentos semanais, é também constituinte de um cotidiano, esgarçado pela doença, pelo sofrimento, pela internação ou após um acidente. A prática cotidiana do profissional se entrelaça na prática cotidiana do sujeito atendido. Passamos a fazer parte da sua história, compartilhada em decorrência da necessidade de fazer essa terapia e outras. Pensamos que cabe uma discussão mais aprofundada sobre essa questão, do cotidiano permeado por tratamentos. Compartilhamos uma história com o paciente, mas caminhamos para que esse sujeito prescindia do

profissional para trilhar sua história em outros espaços socioculturais.

Naquele momento, um desdobramento prático se evidenciou: decidimos fazer encontros com as três crianças, uma vez ao mês, compartilhando a programação e pensando juntos nas diversidades, incluindo os diferentes momentos do desenvolvimento que cada uma vivia. A indicação de atividades, procedimento do terapeuta ocupacional voltado para as necessidades das crianças, favoreceu a autonomia e o exercício de buscar caminhos para lidar com as diferenças, de idade, de sexo, de gosto, de habilidades, de desejos, de dificuldades.

E aqui fizemos uma pausa para continuar nosso então cotidiano na clínica, instrumentalizados com essa discussão, e mantiver as articulações entre as teorias e práticas, leituras, apropriações e construções de conhecimento.

Agradecimentos

Agradecemos às crianças e suas famílias que nos autorizaram e apoiaram a produzir esse trabalho a partir de suas e nossas histórias.

REFERÊNCIAS

1. Minayo MCS, organizador. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 23a ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 1994.
2. Takatori M. O brincar no cotidiano da criança com deficiência física: privilegiando um olhar para a construção das intervenções em reabilitação física [dissertação]. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo; 1999.
3. Phillips BS. Pesquisa social: estratégias e táticas. Rio de Janeiro: Agir; 1974.
4. Ariès P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar; 1978. Trabalho original publicado em 1973.
5. Legnani VN, Almeida SFC. A construção da infância: entre os saberes científicos e as práticas sociais. Estilos Clin Rev Infância Problemas. 2004;9(16):102-21.
6. Perrotti E. A criança e a produção cultural: apontamentos sobre o lugar da criança na cultura. In: Zilberman R, organizador. A produção cultural para a criança. 4a ed. Porto Alegre: Mercado Aberto; 1990. p. 9-27.
7. Winnicott DW. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: Winnicott DW. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas; 1983. p. 79-87. Trabalho original publicado em 1963.
8. Plaisance E. Da deficiência física à deficiência sociocultural: aspectos teóricos e perspectivas de ação. In: D’Avila Neto ML, organizador. A negação da deficiência: a instituição da diversidade. Rio de Janeiro: Achiamé/Socius; 1984. p. 103-16.

9. Goffman E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4a ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1982.
 10. Benjamin W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Benjamin W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7a ed. São Paulo: Brasiliense; 1994. p. 197-221. Trabalho original publicado em 1936. (Obras Escolhidas, v. 1)
 11. Galzerani MCB. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: Faria ALG, et al, organizadores. Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. 2a ed. Campinas (SP): Autores Associados; 2005. p. 49-68. (coleção Educação Contemporânea)
 12. Winnicott DW. O conceito de indivíduo saudável. In: Winnicott DW. Tudo começa em casa. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes; 1996. p. 17-30. Trabalho original publicado em 1967.
 13. Arendt H. A condição humana. 10a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2005. Trabalho original publicado em 1958.
 14. Certeau M. A cultura no plural. Campinas (SP): Papyrus; 1995. (coleção Travessias do Século)
 15. Bomtempo E. A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: Kischimoto TM, organizador. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 8a ed. São Paulo: Cortez; 2005. p. 57-72.
 16. Winnicott DW. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago; 1975. Trabalho original publicado em 1971.
 17. Bomtempo E. Brincar, fantasiar, criar e aprender. In: Oliveira VB, organizador. O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. 6a ed. Petrópolis: Vozes; 2004. p. 127-50.
 18. Rolnik S. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: Lins D, organizador. Cultura e subjetividade: saberes nômades. 4a ed. Campinas (SP): Papyrus; 1997. p. 25-34.
 19. Safra G. A face estética do self: teoria e clínica. São Paulo: Unimarco Editora; 1999.
 20. Safra G. A po-ética na clínica contemporânea. Aparecida (SP): Idéias & Letras; 2004.
-

Recebido em 25 de janeiro de 2010
Aprovado em 23 de março de 2010